

LAUREN WEISBERGER

o Diabo
ataca em
Wimbledon

Tradução de
Val Ivonica



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2017

1

nem tudo são morangos com creme de leite

WIMBLEDON
JUNHO DE 2015

Não é todo dia que uma mulher de meia-idade, com um coque elegante e um tailleur de poliéster roxo, manda você levantar a saia. A voz da mulher era ritmada, tipicamente inglesa. Perfeitamente profissional.

Depois de olhar de relance para Marcy, sua treinadora, Charlie levantou a barra da saia pregueada branca e esperou.

— Levante mais, por favor.

— Garanto que está tudo em ordem aqui embaixo, senhora — respondeu Charlie, o mais educada que conseguiu.

A juíza estreitou os olhos com firmeza, mas não disse uma palavra.

— Suba tudo, Charlie — disse Marcy, séria, mas era óbvio que tentava não sorrir.

Charlie puxou a saia até revelar o cós do short de *Lycra* branca que usava por baixo.

— Estou sem calcinha, mas o short tem forro duplo. Posso suar o quanto quiser, ninguém vai ver nada.

— Muito bem. Obrigada. — A juíza fez uma anotação em seu bloco. — Agora, a camiseta, por favor.

Pelo menos mais uma dezena de piadas veio à sua mente — é como ir ao ginecologista, só que com roupa de ginástica; não é para qualquer um que ela levanta a saia no primeiro encontro; etc. —, mas Charlie se conteve. O povo de Wimbledon estava sendo simpático e educado com ela e com toda a sua equipe, mas ninguém podia acusá-los de ter senso de humor. Ela levantou tanto a camiseta que cobriu parte do rosto.

— Meu sutiã é do mesmo material. Totalmente opaco, não importa o que aconteça.

— Sim, estou vendo — murmurou a mulher. — É só essa faixa de cor aqui na parte de baixo.

— O elástico? É cinza-claro. Não sei se isso conta como cor — interveio Marcy. A voz dela saiu inalterada, mas Charlie conseguiu perceber um traço de irritação.

— Sim, mas devo medi-lo. — A juíza pegou uma fita métrica amarela de uma pequena pochete que usava sobre o uniforme e passou-a cuidadosamente ao redor da caixa torácica de Charlie.

— Já acabamos? — perguntou Marcy à juíza, sua irritação agora bem aparente.

— Falta muito pouco. Senhorita, a viseira, as munhequeiras e as meias são aceitáveis. Há apenas um problema — disse a juíza, comprimindo os lábios. — Os calçados.

— Que calçados? — perguntou Charlie. A Nike havia se esforçado ao extremo para assegurar que os tênis dela fossem modificados e se

adequassem aos rígidos padrões de Wimbledon. Suas roupas, normalmente vibrantes e alegres, foram trocadas por outras totalmente brancas. Não creme, nem marfim, nem *off-white*. Brancas. O couro no bico do tênis era branco total. Os cadarços eram brancos, brancos, brancos.

— Seus calçados. A sola é quase inteira cor-de-rosa. Isso é uma violação.

— Uma violação? — perguntou Marcy, incrédula. — As laterais, atrás, em cima e os cadarços são inteiramente brancos, seguindo estritamente o regulamento. O logotipo da Nike é até menor que o exigido. Não acredito que você vai encerrar com as solas!

— Lamento informar que faixas de cor desse tamanho não são permitidas, nem nas solas. A regra é uma faixa de um centímetro.

Charlie virou-se em pânico para Marcy, que ergueu a mão.

— O que a senhora sugere que façamos? Esta jovem deve entrar na Quadra Central em menos de dez minutos. Está me dizendo que ela não pode usar os tênis?

— Claro que ela deve usar tênis, mas, segundo as regras, ela não pode usar estes.

— Obrigada pelo esclarecimento — retrucou Marcy irritada. — Nós vamos dar um jeito. — Marcy pegou Charlie pelo pulso e a puxou para uma das salas de aquecimento nos fundos do vestiário.

Vendo Marcy nervosa, Charlie se sentiu como se estivesse em um avião no meio de uma turbulência. Quando você olha para as comissárias de bordo esperando se tranquilizar, mas quase fica nauseada ao vê-las em pânico. Marcy era treinadora dela desde que Charlie tinha quinze anos, quando havia finalmente ultrapassado o alcance da capacidade de treinamento do pai. Marcy fora escolhida por sua perspicácia como treinadora, claro, mas também por ser mulher. A mãe de Charlie havia morrido de câncer de mama poucos anos antes.

— Espere aqui. Faça uns alongamentos, coma uma banana e não pense nisso. Se concentre em como vai destruir o jogo da Atherton ponto a ponto. Volto num minuto.

Nervosa demais para se sentar, Charlie andou pela sala de aquecimento e tentou alongar as panturrilhas. Será que elas já estavam se contraindo? Não, impossível.

Karina Geiger, a quarta cabeça de chave com o corpo do tamanho de uma geladeira que lhe garantira o apelido tosco mas carinhoso de Alemã Gigante, colocou a cabeça para dentro da sala de aquecimento.

— Você está na Central, certo? — perguntou ela.

Charlie assentiu.

— Está uma loucura lá fora — ribombou a moça com um forte sotaque alemão. — O Príncipe William e o Príncipe Harry estão no camarote real. Com a Camilla, o que não é comum, porque eu acho que eles não se gostam, e o Príncipe Charles e a Princesa Kate não estão lá.

— Sério? — perguntou Charlie, embora já soubesse disso tudo.

Como se jogar na Quadra Central de Wimbledon pela primeira vez na carreira não fosse estressante o suficiente, ainda tinha que jogar contra a única cabeça de chave britânica nas simples. Alice Atherton só estava na posição cinquenta e três do *ranking*, mas era jovem e considerada a próxima grande esperança britânica, então o país inteiro estaria torcendo para que ela acabasse com Charlie.

— Sim. David Beckham também, mas ele está em todas. É figurinha fácil. E um dos Beatles também, qual deles ainda está vivo? Não lembro. Ah, e eu ouvi a Natalya dizer que viu...

— Karina? Desculpe, estou no meio do alongamento. Boa sorte hoje, ok? — Charlie odiava ser antipática, principalmente com uma das poucas mulheres legais do circuito, mas ela não aguentaria nem mais um segundo de falação.

— *Ja*, claro! Boa sorte para você também.

Quando Karina estava saindo, cruzou com Marcy, que reapareceu porta adentro com uma sacola cheia de tênis todos brancos.

— Rápido — disse ela, pegando o primeiro par. — Achei esses em número 40, seu tamanho certinho, por milagre. Experimente.

Charlie se sentou no chão, a trança preta acertando sua bochecha com força suficiente para machucar, e calçou o pé esquerdo.

— Mas isso é Adidas, Marce — disse ela.

— Não estou nem um pouco interessada no que a Nike acha de você usar Adidas. Eles que acertem nos tênis da próxima vez, e ninguém terá que se preocupar com isso. Mas agora você vai usar o que servir melhor.

Charlie se levantou e ensaiou um passo.

— Coloque o outro — disse Marcy.

— Não, ficou muito grande. Meu calcanhar está saindo.

— Próximo! — grunhiu Marcy, jogando outro tênis Adidas.

Charlie experimentou o direito desta vez e balançou a cabeça.

— Está um pouco apertado no dedão. E já está esmigalhando meu dedinho. Acho que podemos colocar esparadrapo no dedão e tentar...

— De jeito nenhum. Aqui — disse Marcy, desamarrando um par de tênis K-Swiss e colocando-os aos pés de Charlie. — Estes devem resolver.

O esquerdo entrou com facilidade e pareceu servir. Esperançosa, Charlie calçou e amarrou o cadarço do tênis direito. Eles eram feios e estranhos, mas serviram.

— Serviram — disse Charlie, embora parecesse estar com blocos de cimento nos pés. Ela deu alguns saltos, depois uma corridinha e um desvio rápido para a esquerda. — Mas é como se fossem um par de tijolos. São tão pesados!

Quando Marcy ia pegar o último par na sacola, ouviu-se um anúncio nos alto-falantes do teto. “Atenção, atletas. Alice Atherton e Charlotte Silver, por favor compareçam ao balcão da organização do torneio para serem acompanhadas à quadra. Sua partida está programada para começar em três minutos.”

Marcy se ajoelhou e apertou os tênis na altura dos dedos do pé de Charlie.

— Você tem algum espaço aí, definitivamente. Mas não muito, né? Eles vão funcionar?

Charlie deu mais um ou dois saltos. Eram pesados, não havia como negar, mas eram os melhores dos três. Ela provavelmente deveria experimentar o último par, mas olhou para cima a tempo de ver Alice passar toda de branco pela sala de aquecimento a caminho do balcão da organização. Estava na hora.

— Eles vão funcionar — disse Charlie, demonstrando mais convicção do que sentia. *Eles têm que funcionar*, pensou.

— Muito bem. — O alívio no rosto de Marcy foi imediato. — Vamos.

Marcy jogou a enorme raqueteira de Charlie sobre o ombro e se dirigiu à porta.

— Lembre-se: o máximo de *spin* que conseguir. Ela tem dificuldade quando a bola quica alto. Aproveite que é mais alta do que ela e a force a rebater bolas altas, principalmente no *backhand* dela. Calma, regularidade e persistência vão ganhar este jogo. Você não precisa de excesso de força nem de velocidade. Guarde isso para as próximas rodadas, ok?

Charlie assentiu. Mal haviam chegado ao balcão da organização e suas panturrilhas já estavam rígidas. O calcanhar direito roçava um pouco? É, definitivamente roçava. Com certeza iria acabar com bolhas.

— Acho que eu deveria experimentar aqueles últimos...

— Charlotte? — Outra juíza de Wimbledon, também usando o mesmo tailleur roxo, pegou Charlie pelo cotovelo e a conduziu pelos últimos dez passos até o balcão. — Por favor, apenas uma assinatura bem aqui e... obrigada. Sr. Poole, as duas moças estão prontas para serem acompanhadas à Quadra Central.

Os olhos de Charlie se cruzaram com os de sua adversária por um breve segundo, e elas se cumprimentaram com um meneio de cabeça. Bem sutil. A única outra vez em que haviam se enfrentado tinha sido na primeira rodada de Indian Wells, dois anos antes, e Charlie vencera por 6–2, 6–2.

Todo o grupo — Charlie, Marcy, Alice e sua treinadora — seguiu o Sr. Poole pelo túnel que levava à quadra de tênis mais lendária do mundo. Em ambos os lados havia enormes fotos acetinadas em preto e branco de lendas do tênis que saíram vitoriosas da Quadra Central: Serena Williams, Pete Sampras, Roger Federer, Maria Sharapova, Andy Murray. Segurando e beijando o troféu, erguendo a raquete com vigor no ar, comemorando. Exultantes. Vencedores, todos eles. Alice também olhava de um lado para o outro enquanto andavam até a porta que as levaria à Central, à vista de todos.

Um apertão de Marcy em seu braço a trouxe de volta à realidade. Ela pegou a raqueteira e a jogou sobre o ombro como se não pesasse nada, apesar de lá dentro haver seis raquetes, um rolo de fita *grip*, duas garrafas de Evian, uma garrafa de Gatorade, duas mudas de roupa idênticas à que ela estava usando, meias extras, munhequeiras, bandagens terapêuticas elásticas para ombro e joelho, Band-Aids, um iPod, fones de ouvido, duas viseiras, colírio, uma banana, um sachê de vitamina C e a foto plastificada de sua mãe que vivia no bolsinho lateral com zíper e que acompanhava Charlie em todos os treinos e torneios.

Marcy e a treinadora de Alice saíram para assumir seus lugares no camarote dos jogadores. Embora as duas mulheres estivessem entrando na quadra ao mesmo tempo, o público gritou mais alto para Alice, a favorita da casa. Mas não importava muito para quem estivessem torcendo: a pulsação de Charlie começou a acelerar da mesmíssima forma que fazia antes de cada partida, importante ou não. Mas, desta vez, ela sentiu uma onda de emoção no peito, uma palpitação de ansiedade e uma empolgação tão forte que achou que ia passar mal. *Quadra Central de Wimbledon*. Ela se permitiu uma olhada rápida para as arquibancadas, um instante para absorver aquilo tudo. À sua volta, uma multidão bem-vestida de pé, aplaudindo educadamente. Pimm's. Morangos com creme de leite. Roupas em tons pastel. Ela havia jogado em Wimbledon antes, cinco maravilhosas vezes, mas esta era a Quadra Central.

As palavras reverberavam em sua cabeça sem parar enquanto ela tentava se concentrar. Normalmente, a rotina de Charlie quando chegava à sua cadeira na lateral da quadra a ajudava a manter o foco: posicionava a raqueteira no local exato, dispunha as garrafas de água lado a lado, colocava as munhequeiras, ajustava a viseira... Ela fez todas essas coisas na mesma ordem de sempre, mas, hoje, não conseguia se controlar. Hoje, registrava tudo que deveria desaparecer em segundo plano: a apresentadora na quadra repetindo o nome da adversária para a câmera, o locutor da partida apresentando a juíza de cadeira, e, acima de tudo, a forma como os tênis estavam comendo suas meias, algo que nunca acontecia quando usava seus próprios calçados. Charlie tinha experiência suficiente para saber que nada disso era bom sinal — não conseguir controlar os pensamentos antes do começo da partida normalmente não acabava bem —, mas ela simplesmente não conseguia bloquear todos aqueles estímulos.

O aquecimento passou voando. Distraída, Charlie castigava a bola no *forehand* e no *backhand* de Alice, depois mandava voleios e bolas altas. Ambas recuaram para lados opostos e deram alguns saques. Alice parecia relaxada e à vontade, suas pernas magras movendo-se com fluidez pela quadra, o torso estreito, quase de menino, girando sem esforço para acertar a bola. Charlie ficou tensa só de olhar para ela. Embora os tênis novos tecnicamente servissem, eles estavam causando dor nos arcos, e o calcanhar direito já começava a ficar sensível. Várias e várias vezes ela se forçou a voltar ao presente, para a empolgação natural que sentia sempre que acertava a bola no ponto certo e a fazia cair exatamente onde queria. E então, de repente, as duas estavam jogando. Charlie perdeu o cara e coroa, e a adversária quicava a bola na linha de base oposta. Elas tiraram cara e coroa, não tiraram? É, ela achava que sim. Por que Charlie não se lembrava de nenhum detalhe? *Zuuuum!* A bola passou como uma bala perto do seu ombro esquerdo. Ela nem conseguiu fazer contato.

Ace. Primeiro ponto da partida para Alice. A multidão vibrou tanto quanto a etiqueta britânica permitiu.

Alice levou quatro minutos e trinta segundos para ganhar o primeiro *game*. Charlie fez apenas um ponto, e isso porque Alice cometeu dupla-falta.

Foco!, gritou ela mentalmente. *Esta partida toda vai terminar antes que você perceba se não se controlar, caramba! Você quer se queimar na Quadra Central de Wimbledon sem nem ao menos tentar? Só uma anta faria isso! Anta! Anta! Anta!*

Os gritos e o xingamento mental funcionaram.

Charlie conseguiu confirmar o próprio serviço e quebrar o de Alice. Ela chegou a 2–1 e sentiu que começava a entrar no jogo. A adrenalina nauseante que a incomodara antes da partida estava se transformando naquele estado maravilhoso de fluidez no qual Charlie não sentia mais a irritação das meias comidas pelos tênis, não via os rostos famosos no camarote real, nem ouvia os aplausos contidos da torcida britânica extremamente bem-comportada. Nada existia além de sua raquete e da bola, e nada importava além do contato entre as duas, ponto após ponto, *game* após *game*, firme, poderoso e intencional.

Charlie ganhou o primeiro *set*, 6–3. Ela ficou tentada a se parabenizar, mas tinha experiência suficiente para reconhecer que a guerra da partida estava longe de terminar. Nos noventa segundos da troca de lado, ela bebeu água calmamente em golinhos comidos. Até isso exigiu disciplina mental — seu corpo inteiro gritava por goles enormes de água gelada —, mas ela se controlou. Depois de se reidratar e dar três mordidas em uma banana, Charlie abriu a raqueteira e pegou o par de meias de reserva. Elas eram idênticas às que estava usando e, mesmo sem motivo para acreditar que mudariam alguma coisa, Charlie decidiu tentar. Quando tirou as meias usadas, seus pés eram um show de horrores: inchados, vermelhos, em carne viva. Os dedinhos estavam sangrando, e a pele dos calcanhares se soltava em

bolhas estouradas. Os tornozelos estavam cobertos de marcas roxas por causa do couro duro da parte superior e da língua dos tênis. Os pés doíam por inteiro, como se tivessem sido atropelados por um ônibus.

As meias novas tiveram o efeito de uma lixa, e ela precisou de cada pingo de força de vontade para enfiar os pés mutilados nos tênis. A dor irradiava dos dedos e dos calcanhares, dos tornozelos e dos arcos, e do osso da base do pé que nem havia doído até então. Charlie teve de se forçar a puxar e amarrar os cadarços, e, assim que terminou, a juíza de cadeira encerrou o intervalo. Em vez de correr vigorosamente na volta até a linha de base, para se manter relaxada e atenta, ela se viu caminhando e mancando de leve.

Eu devia ter tomado um Advil quando tive a chance, pensou ela enquanto recebia duas bolas de um boleiro adolescente. Droga, eu tinha que estar com os tênis certos, para começo de conversa!

E *bum!* Foi só o que precisou para abrir as comportas da raiva e, pior, da distração. Por que raios ninguém tinha previsto que os tênis dela seriam considerados inapropriados? Onde estavam seus patrocinadores da Nike? Não era possível que nunca tivessem vestido jogadores em Wimbledon. Charlie jogou primeiro uma, depois outra bola no ar e errou os dois saques. Dupla-falta. De quem era a responsabilidade, afinal? Ela trocou de lado, deu um saque mais fraco do que o normal e ficou lá parada enquanto Alice mandava um *winner* de *forehand* bem ao seu lado. *Tenistas são supersticiosos. Usamos a mesma roupa íntima em todas as partidas. Comemos as mesmas coisas, entra dia, sai dia. Carregamos amuletos da sorte e talismãs, rezamos e entoamos mantras e qualquer outra coisa doida que ajude a convencer quem quer que esteja ouvindo que, por favor, só desta vez, se nós conseguíssemos ganhar este ponto/game/set/jogo/torneio seria ótimo e ficaríamos tâããããã agradecidos.* O primeiro serviço de Charlie foi forte e bem-colocado, mas, de novo, ela ficou plantada no lugar e despreparada para a devolução de Alice. Ela chegou à bola, mas não conseguiu corrigir a

postura para evitar a rede. 0–40. Esperavam mesmo que ela usasse os tênis de outra pessoa na primeira partida na Quadra Central, o maior e mais intimidador palco esportivo no qual já havia jogado? Sério mesmo? Ela e sua equipe passavam horas selecionando e experimentando tênis novos quando era hora de trocar de modelo, mas, veja só, pegue aqui, use este par aleatório. Eles vão servir direitinho. Onde você acha que está, Wimbledon ou coisa parecida? *Ploft!* A raiva atravessou seu corpo e foi direto para a bola, que Charlie acertou pelo menos meio metro depois da linha de base, e, assim, sem mais nem menos, ela perdeu o primeiro *game* do segundo *set*.

Charlie olhou de relance para seu camarote e viu Marcy, seu pai e seu irmão, Jake. Num reflexo, o Sr. Silver abriu um sorriso quando percebeu que ela estava olhando, mas Charlie conseguiu ver lá de onde estava, no fundo da quadra, a preocupação dele. Os *games* seguintes passaram muito rápido, e Charlie conseguiu confirmar só um. De repente, Alice vencia por 5–2, e algo dentro de Charlie subitamente entrou em foco: *Ai, meu Deus. É agora.* Ela estava prestes a perder o segundo *set* na Quadra Central para uma jogadora trinta posições abaixo no *ranking*. Jogar um terceiro *set* agora seria um inferno. Simplesmente não era uma opção. O público britânico extremamente educado estava bem ruidoso para seus padrões, com aplausos leves e até um grito ocasional para animar. Esqueça as bolhas, esqueça os tijolos nos pés, esqueça a raiva de todas as pessoas na equipe que deviam ter evitado que isso acontecesse. Nada mais importa agora.

Rebata com força, com inteligência, com regularidade, pensou ela, apertando a raquete com força, algo que Charlie costumava fazer para relaxar. *Aperte, solte. Aperte, solte. Esqueça todas essas bobagens e ganhe o próximo ponto.*

Charlie ganhou o *game* seguinte e o *game* depois dele. Mais uma vez ela se recompôs, forçou a mente a não pensar em nada além de acertar a bola e fazer o ponto. Quando empatou o segundo *set* em 5–5, ela soube que ganharia a partida. Sua respiração era profunda e

ritmada, invocando enormes reservas de força mental para ignorar a dor que agora irradiava dos pés e subia pelas pernas. Cãibras. Ela podia lidar com aquilo, lidara com aquilo mil vezes antes. *Foco. Acerte. Espere. Acerte. Espere.* Em um instante, estava 6–5 no segundo *set*, e Charlie tinha de garantir só mais um *game* para vencer. Estava tão perto agora que conseguia até sentir.

O primeiro serviço de Alice veio com muito *spin* e pouca velocidade, e Charlie foi para cima. *Winner!* O seguinte foi muito mais forte e direto, e Charlie reagiu com um *smash* bem na linha. Elas trocaram algumas bolas no ponto seguinte, antes de Alice largar uma bem junto à rede. Charlie percebeu a jogada e começou a se deslocar, correndo o mais rápido que conseguia em direção à rede, sua raquete já estendida e toda a parte superior do corpo curvada para a frente. Ela conseguiria chegar, sabia que conseguiria. Estava quase lá, a literalmente poucos centímetros de acertar o topo da cabeça da raquete na bola, precisando só dar um toquinho para devolvê-la sobre a rede, quando seu pé direito — que parecia estar preso a um pacote de dois quilos de arroz — deslizou como um esqui. Se estivesse usando os próprios tênis, leves e devidamente ajustados, talvez tivesse conseguido controlar a derrapagem, mas o tijolão pesado seguiu pela quadra de grama como se ela fosse feita de gelo, levando Charlie junto. Ela balançou os braços sem um pingo de elegância, largando a raquete para poder usar as duas mãos a fim de aparar a queda, e então... *pop*. Ela ouviu antes de sentir. Ninguém mais ouviu? Foi tão alto que todo o estádio deve ter ouvido aquele horrível estalo, mas, na improvável hipótese de não terem escutado, o grito de Charlie atraiu a atenção deles.

Ela despencou com força no chão, como uma criança caindo do beliche. Cada milímetro do seu corpo doía tanto que era quase impossível identificar a origem daquele estalo assustador. Do outro lado da rede, Alice estava parada observando Charlie, com uma expressão de preocupação cuidadosamente ensaiada. Pressionando as mãos contra a grama impecável, Charlie tentou se sentar, mas seu pulso se dobrou

como papel. A juíza de cadeira cobriu o microfone e se inclinou para a quadra para perguntar se Charlie precisava de um tempo médico.

— Não, eu estou bem — respondeu Charlie, quase num sussurro. — Só preciso de um minuto para me recompor.

Ela sabia que precisava se forçar a levantar e reassumir sua posição. Ela podia pedir tempo médico, mas aquilo seria praticamente trapacear: a menos que o jogador estivesse realmente sangrando pela quadra toda, o consenso era de que eles deviam engolir a dor. *Engula*, pensou ela, tentando de novo se levantar. Desta vez, sentiu uma dor que começou na palma da mão esquerda e subiu direto pelo pulso até o ombro. Só mais dois pontos para empatar. *Engula. Levante-se e ganhe o jogo!*

Os espectadores começaram a aplaudi-la, timidamente no começo, depois com mais entusiasmo. Ela não era a favorita do público, mas aqueles britânicos sabiam bem o que era espírito esportivo. Charlie ergueu a mão direita num gesto de agradecimento e esticou o braço pela grama para pegar a raquete. O esforço fez sua cabeça girar, e mais dor — desta vez vinda do pé, do tornozelo ou da canela, era impossível dizer — subiu pela perna. *Essas porcarias de tênis!*, gritou ela para si mesma, o pânico começando a dominá-la. Sua lesão era séria? Ela precisaria abandonar a partida? *Meu Deus, o que foi aquele som terrível? Será que a fisioterapia vai ser difícil? O US Open é daqui a dois meses...*

A voz da juíza interrompeu seus pensamentos, e o som de seu próprio nome a trouxe de volta à realidade.

— Estou concedendo um tempo médico de três minutos para a Srta. Silver. Por favor, ligue o cronômetro... agora.

— Eu não pedi tempo médico! — protestou Charlie, irritada, embora sua voz claramente não passasse irritação. — Estou bem.

Em um esforço para evitar a pessoa da equipe médica que se aproximava rapidamente, Charlie mexeu as pernas sob o corpo e reuniu até a última gota de energia para se levantar. Ela ficou de pé e conseguiu olhar à sua volta, notando o sorriso praticamente im-

perceptível de Alice e a juíza observando cuidadosamente o relógio televisionado da partida, pronta para anunciar o término do tempo médico. Na primeira fila do camarote real, Charlie podia ver David Beckham olhando para o celular, sem o menor interesse em sua lesão, e à direita, em seu próprio camarote, o olhar de preocupação e pânico no rosto de Marcy; ela estava tão inclinada para a frente em sua cadeira que parecia que ia cair na quadra. Seu pai e Jake tinham expressões igualmente graves. À sua volta, as pessoas conversavam animadas, bebericavam seus Pimm's e esperavam a partida recomeçar. O médico estava agora de pé ao lado de Charlie e tinha acabado de botar a mão forte e gelada em seu pulso latejante quando, sem qualquer aviso, o mundo todo ficou preto.